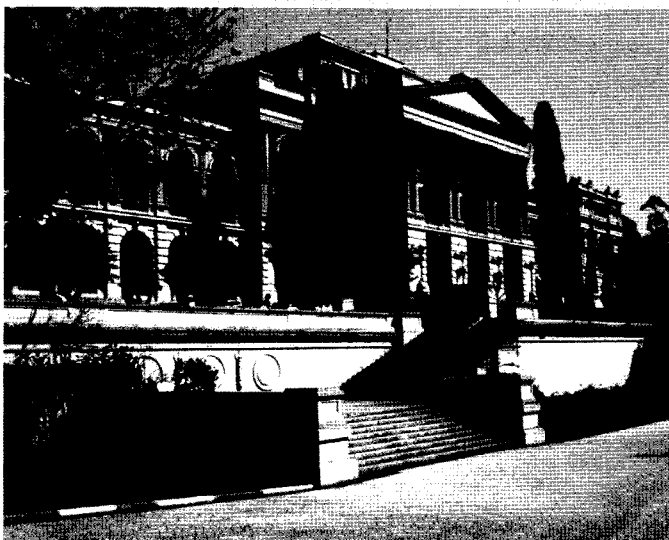


**REVISTA DO INSTITUTO  
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
DE SÃO PAULO**

**ANO CXX - VOLUME CXVIII**



**SÃO PAULO - 2014**



## APRESENTANDO MAIS UM NÚMERO DA “REVISTA DO IHGSP”

[Reconstituição da fala de Armando Alexandre dos Santos,  
editor da Revista, na sessão de 28-1-2015]

No término desta belíssima sessão, cabe-me dizer algumas palavras, alusivas ao lançamento, que está sendo realizado hoje, da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, número 98, correspondente ao ano de 2014.

Esta revista deveria ter sido entregue em novembro último, mas atrasou-se dois meses e é lançada hoje, por uma coincidência feliz, no mesmo dia em que é justamente homenageado o nosso consócio Dr. Guido Arturo Palomba, médico, autoridade em matéria de Psiquiatria Forense e grande cultor da História da Medicina.

Em nosso Instituto, desde a fundação, sempre houve médicos-historiadores. Entre muitos outros, a Dra. Nelly Martins Ferreira Candeias lembrou há pouco, no seu discurso, os Drs. Lycurgo de Castro Santos Filho e Duílio Crispim Farina – dois excelentes amigos de quem conservo gratíssima lembrança. O Dr. Lycurgo escreveu mais de 150 estudos sobre História da Medicina em São Paulo e no Brasil, desde os tempos coloniais. Sua obra maior e consagrada, a *História Geral da Medicina Brasileira*, em dois volumes, lançada pela EDUSP em 1991, é geralmente considerada como o mais completo tratado de história médica brasileira. O Dr. Duílio escreveu numerosas obras, com destaque para *Medicina no Planalto de Piratininga*, *Esculápios portugueses das Sete Partidas* e o notável trabalho de pesquisa histórica *Tempo de Vida, Doença e Morte na Casa de Bragança*.

Essas referências me fazem lembrar o nome de um “médico honorário” ilustre, que também fez parte de nosso Instituto: o Dr. José de Alcântara Machado de Oliveira. Digo médico honorário, porque, embora diplomado em Direito, tornou-se grande autoridade em Medicina Legal e escreveu numerosas obras jurídico/médicas, nas quais estudou detidamente o suicídio, a hipnose, a responsabilidade penal do ébrio etc. Escreveu também o clássico *Vida e mor-*

te do *Bandeirante* e cunhou, num discurso, a famosa expressão “paulista de quatrocentos anos”. “*Paulista sou, há quatrocentos anos*” – declarou textualmente. Uma particularidade que ao Dr. Flávio Fava de Moraes, aqui presente, há de agradar: ele era nascido na nossa Piracicaba, filho do Barão Brasília Machado, que cunhou num poema a expressão “noiva da colina”, para se referir à nossa cidade. E foi pai de Antonio de Alcântara Machado, o célebre autor de *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Uma curiosidade: José de Alcântara Machado foi o professor mais jovem da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em toda a sua história. Foi nomeado após ter sido aprovado em dois concursos, e assumiu sua cadeira de lente com apenas 19 anos, dez meses e 15 dias de vida, quebrando assim o *record* anterior, do famoso “Mestrinho” (Dr. Francisco Bernardino Ribeiro), que conquistara sua cadeira de Lente com apenas 20 anos, 5 meses e 10 dias de existência<sup>1</sup>.

A Dra. Nelly aludiu à dificuldade encontrada por Marie Renotte – educadora de origem belga que lecionava, também, em Piracicaba – para se diplomar em Medicina, dado que na época mulheres não eram bem aceitas nas poucas faculdades de medicina existentes no Brasil. Precisou fazer seu curso nos Estados Unidos, no *Women's Medical College of Pennsylvania*.

Essa referência da Dra. Nelly à discriminação de mulheres em cursos de Medicina nos conduz a uma pergunta interessante: quando é que surgiu tal discriminação?

A resposta, nós a encontramos nos livros da medievalista francesa Régine Pernoud, que estudou em numerosas obras<sup>2</sup> a condição feminina na Idade Média, coligindo volumosa documentação primária da época e, baseada nessa documentação, concluiu que no século XIII a condição da mulher era de muito maior destaque do que se tornaria a partir do século seguinte, quando passou a ser relegada a um papel secundário na família, no lar e na vida social.

Pernoud, nas pesquisas que efetuou, registrou muitos exemplos de mulheres, solteiras ou casadas, que trabalhavam com economia própria, inde-

1 Cfr. Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo – Tradições e Reminiscências*. São Paulo: Saraiva, 3ª edição, 1977, vol. I, p. 254.

2 Ver, especialmente, *A Mulher no tempo das Cruzadas* e *A Mulher no tempo das Catedrais*, ambas originalmente lançadas por Éditions Stock, de Paris (respectivamente em 1980 e 1990). Ver também, da mesma autora, *Pour en finir avec le Moyen Age* (Éditions du Seuil, Paris, 1977).



pendente de seus pais ou maridos. Registrou também o grande número de mulheres que exerciam a profissão de “*mireses*”, ou seja, médicas. “*Miresse*” é a forma feminina de “*mire*”, médico. Quando São Luís partiu para a VII Cruzada, no Egito, em 1248, levou consigo a esposa e os filhos. Seguiu também a “*doctoresse Hersent*”, a médica oficial do rei e da família real. Muito famosa e respeitada como “*miresse*” em Paris, ela era casada com um famoso “*apothicaire*”, ou seja, farmacêutico, que aviava os remédios prescritos pela esposa. Pernoud observa que era tão considerável o número de mulheres que exerciam livremente a profissão de médicas, que até existia no francês medieval uma palavra feminina para designá-las, diferentemente de hoje, quando uma única palavra, “*medécin*”, de forma masculina, designa indistintamente os médicos e as médicas. Foi somente na passagem do século XIII para o XIV que as mulheres passaram a ser excluídas da prática médica, porque foi tornada ilegal tal prática por quem não fosse formado pela Universidade de Paris, que não admitia alunas. Começavam então a prevalecer os critérios do Direito Romano, inspirado na Antiguidade Clássica, muito mais patriarcalista e restritivo em relação às mulheres do que a Idade Média cristã europeia. A partir daí, mulheres que curassem passaram a ser mal vistas, a ser vistas com suspeição, como bruxas etc.

A promoção efetiva da mulher, na sociedade medieval cristã, foi também sinalizada por uma substituição simbólica de grande alcance: nos tabuleiros de xadrez, a peça mais poderosa e importante, depois do rei, deixou de ser o vizir, o ministro-chefe dos califas e sultões árabes. Nos tabuleiros de xadrez da Cristandade Medieval, esse papel passou a ser ocupado por uma mulher, a Dama, ou a Rainha<sup>3</sup>. E assim permanece, até hoje.

Vejo que, inspirado no belo discurso da Dra. Nelly, me deixei levar por recordações e acabei me desviando do foco desta fala.

Qual o significado do lançamento desta revista? Já na ata de fundação, em 1894, era assinalada a obrigação assumida pelo IHGSP de editar uma revista anual. Essa revista vem sendo mantida há 120 anos. Lamentavelmente, houve

---

3 Cfr. COSTA, Ricardo da; SANTOS, A. A. dos. *A imagem da mulher medieval em O Sonho (1399) e Curial e Guelfa (c. 1460)*. eHumanista/TVITRA, Universidade de Santa Barbara, California, v. 5, p. 424-442, 2014.

algumas interrupções desse longo percurso, de modo que estamos lançando hoje o número 98. Mas é um grande passo, pois é o terceiro número lançado na atual administração que, depois de vencidas dificuldades sem conta, uma vez colocado em ordem o Instituto, me confiou a direção da revista e, agora, se Deus assim o permitir, deverá sair anualmente.

Muito obrigado à Dra. Nelly e à diretoria do IHGSP pela confiança a nós depositada, e pela presença de todos os senhores e senhoras que aqui estão.